

COMUNICAÇÕES

UM LUGAR PARA RANULFO PRATA

(Contribuição bibliográfica)

PAULO DE CARVALHO NETO

DE SERGIPE A S. PAULO

Ranulfo Hora Prata nasceu em Lagarto, Estado de Sergipe, no dia 4 de maio de 1896 e faleceu em S. Paulo, no dia 24 de dezembro de 1942, aos 47 anos de idade. Formou-se em Medicina, no Rio de Janeiro, em 1919. Clínicou em algumas cidades do interior de S. Paulo, antes de se transferir para Santos, definitivamente, em 1927, a fim de dirigir o Serviço Radiológico da Santa Casa e Beneficência Portuguesa.

Começou sua carreira de escritor sendo ainda estudante de Medicina, na Bahia, quando recebeu o Primeiro Prêmio do Concurso de Contos d'A Tarde, em 1916, com o seu conto "O Tropeiro" incluído, nove anos mais tarde, na coletânea *A longa estrada* (1925).

O seu primeiro livro foi um romance: *O Triunfo* (1918). Desde então, desenvolveu uma obra de valor ascendente e de entrega quase periódica, embora não tivesse sido considerada volumosa: *Dentro da vida*, novela, 1922; *A longa estrada*, contos, 1925; *O lírio na torrente*, romance, 1926; *Lampeão*, documentário, 1934; *Navios Iluminados*, romance, 1937.

Seis livros, nada mais e três folhetos de tese, que não têm a importância daqueles volumes: *Do riso* (1921), *A renascença das letras em França* (1928) e *Repercutiu na nossa literatura o movimento romântico de 1830?* (1928). *Do riso* foi sua tese em Medicina e os outros dois folhetos foram teses para o preenchimento da cátedra de Literatura do Atheneu Pedro II, em Sergipe, cátedra que ele ganhou, mas que não chegou a ocupar. Também folhetos, mas não teses, foram: *Martins Fontes, médico*; *O Teatro no Brasil*; *O valor da radiografia no esqueleto e no diagnóstico da sífilis congênita*.

Vários manuscritos ficaram inéditos, inclusive o romance *Uma Luz na Montanha*.

Qual o lugar que a história da literatura brasileira concede a Ranulfo Prata? Nenhum! É fato notório que se trata de o "grande injustificado". Numerosas são as vozes de protesto contra esta realidade. "*Navios Iluminados* é um livro que permanece — diz o crítico Leonardo Arroyo (1960) —, embora se possa reconhecer, com melancolia, que não se tem feito muita justiça ao romancista Ranulfo Prata". O seguinte trecho de Geraldo Azevedo (1955) é dos mais eloquentes sobre o tema:

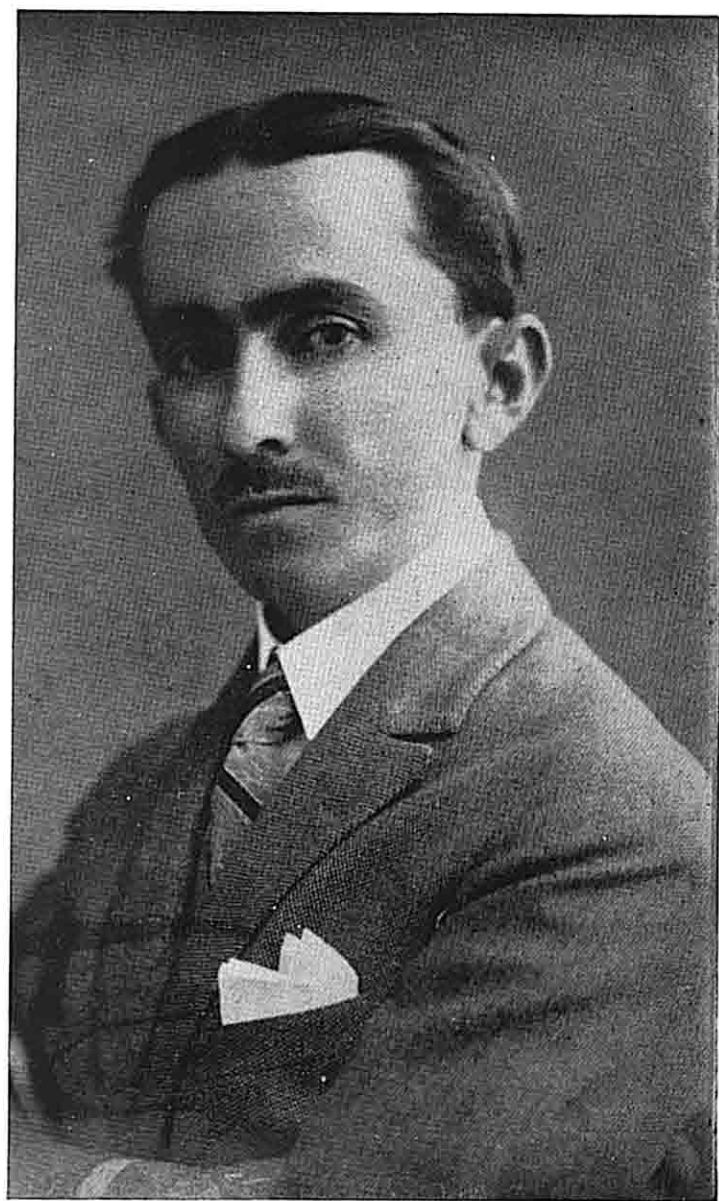
"Não será inverdade afirmar que Ranulfo Prata é um dos grandes injustificados da literatura nacional. Nossa crítica, tão pródiga em dispensar elogios, ainda não se deteve demoradamente para estudar a obra, não muito vasta, do escritor sergipano. Compreende-se até certo ponto essa ausência: é que Ranulfo Prata, de temperamento arredio, lutando sempre contra a pertinácia da doença, vivendo exclusivamente para o trabalho e a família, não teve tempo de brilhar nas reuniões pseudo-literárias, em que o cabotinismo, a auto-insensação, a bajulação sem termo nem medida tomam a maioria das horas daqueles que procuram a glória sem quererem participar das renúncias que a arte exige dos seus seguidores. Felizmente, o tempo não conserva ídolos de barro. E os que viveram uma vida literária sem literatura acabarão por ceder o lugar que injustamente ocupavam aos homens de ténpera e valor. Um dia, quando se fizer uma revisão honesta na história de nossas letras, Ranulfo Prata de certo aparecerá com todo o esplendor de sua grandeza humana. A obra que construiu "cheia de brasilidade e calor, de ternura e emoção" emergirá do esquecimento atual para deslumbramento das gerações futuras. Nesse dia, a crítica literária nacional terá apagado da história de nossas letras mais uma injustiça".

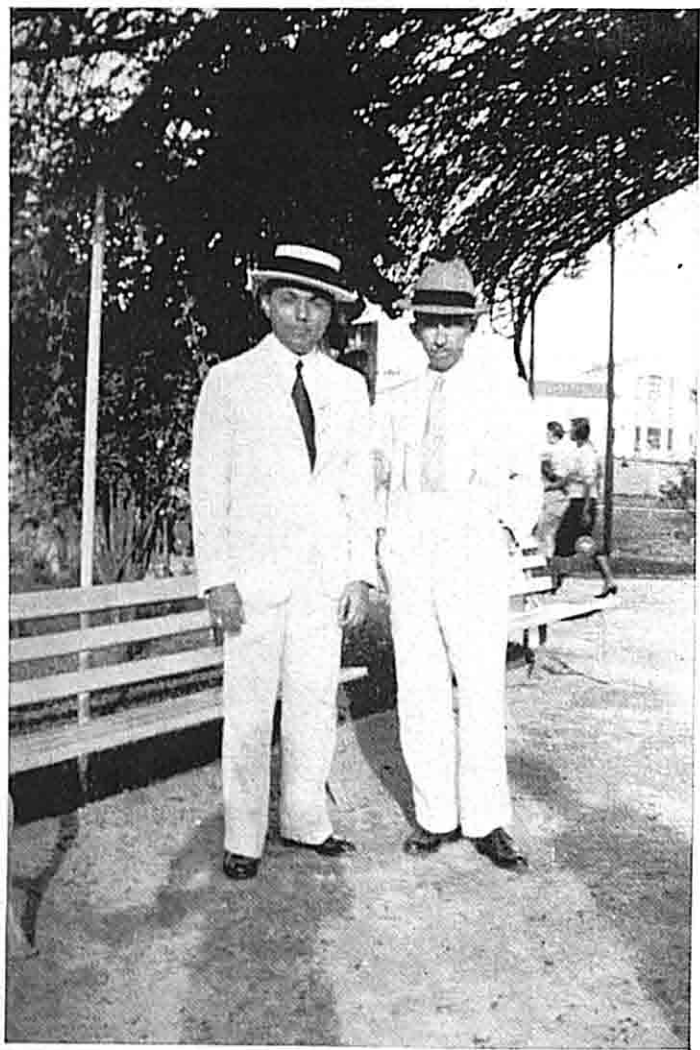
E se consultamos as atuais bibliografias, dicionários, manuais, antologias, introduções, interpretações e histórias da literatura brasileira, já tão numerosas, nossa pena é ainda maior. Nada sobre Ranulfo Prata! Carpeaux, José Paulo Paes e Massaud Moisés, Antônio Cândido, José Aderaldo Castello, Mário da Silva Brito, Afrânio Coutinho, Aurélio Buarque de Holanda, Bezerra de Freltas... e tantos outros autores responsáveis por darem forma orgânica ao patrimônio literário brasileiro, não incluem Ranulfo Prata em seus esquemas históricos. Não obstante, incluem e resenham obras de alguns autores que não resistiriam a um estudo comparado com a produção de Ranulfo.

SÓBRE RANULFO PRATA

Sobrinho e afilhado de Ranulfo Prata pude, em 1960, obter sua coleção de recortes de jornais, sobre a sua própria obra, a fim de sistematizá-la algum dia e apresentá-la ao leitor, na forma em que o faço agora. Maria da Glória Prata, viúva de Ranulfo, nessa oportunidade acedeu em doar ao Itamaraty, por meu intermédio, a biblioteca de seu falecido marido, a qual foi constituir o núcleo básico do Centro de Estudos Brasileiros, de Quito, Equador. Como fundador e diretor do Centro, dei a todos esses livros — cerca de 1.200 volumes — uma encadernação primorosa sob o título geral de "Coleção Ranulfo Prata". A maioria está constituída de primeiras edições da literatura portuguesa, francesa e brasileira, e todos lá estão, em Quito, servindo ao povo equatoriano e à espera de quem deseje escrever qualquer ensaio sobre a formação cultural de Ranulfo Prata e a influência da mesma em sua obra.

Ao organizar agora os recortes de que falo, com o propósito de contribuir à redenção do nome desse autor, distribuo-os de acordo com o livro ao qual se referem, antepondo um número, de 1 a 4, a cada título, números que possuem a seguinte convenção:





- 1 — Simples notícia.
- 2 — Comentários à margem.
- 3 — Resenha informativa.
- 4 — Crítica.
- * — Fonte imprescindível.

Espero que este critério ajude o leitor interessado no tema. A presença do asterisco, principalmente, indicando a existência de uma "fonte imprescindível" para o conhecimento de Ranulfo Prata, prestará, creio, um grande serviço como roteiro.

Infelizmente, muitas fontes não figuram com toda a indicação bibliográfica necessária. As vezes, só trazem a menção do jornal, outras vezes, só a data ou o nome da cidade. Assim foram colecionadas pelo próprio Ranulfo ou por sua dedicada esposa, que, com modéstia, displicência e bom coração, jamais pensaram no valor que este álbum viria a ter.

OS SEUS MAIORES CRITICOS

O que de imediato ressalta é a quantidade de grandes valores das letras nacionais que escreveram sobre Ranulfo Prata. Este fato acentua a injustiça que assinalamos, pois é mesmo incompreensível que o nome de Ranulfo não seja levado em conta, na atualidade, tendo sido festejado por João Ribeiro, Lima Barreto, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Agripino Grieco, Fidelino de Figueiredo, Nelson Werneck Sodré, Paulo Dantas, Afonso Schmidt e Tasso da Silveira, entre outros. Alguns desses autores escreveram páginas que, inclusive, mereceriam ser incluídas em suas próprias coleções póstumas de dispersos, por quem esteja dedicado à essa tarefa de colecionador de estudos perdidos e esquecidos.

O REALISTA E O REGIONALISTA

Basta a leitura desses trabalhos para que o exegeta de Ranulfo Prata adquira uma idéia inicial sobre a corrente em que deverá classificá-lo.

Comentando *O Triunfo*, por exemplo, Altamirando Requião, crítico literário da Bahia, em 1918, considerava-o uma obra realista, "francamente realista". "O livro que tenho em mãos — escreve — é uma estréia de um jovem de talento, no romance realista moderno. O realismo é ainda hoje a fórmula literária capaz de todas as revelações em psicologia, e se liberto dos exageros e das extravagâncias que o fazem uma simples aberração, constitui-se um campo magnífico de ação estética e intelectual de inestimável e indiscutível valor".

Tristão de Athayde (1925) classificou *A longa estrada* e *O Irriro na torrente* como obras regionais. Para ele, "o sr. Ranulfo Prata [nos dois livros citados] mostra como realmente não é necessário limitar-se ao pitoresco localista para criar regionalismo de boa espécie".

Enquanto que Agripino Grieco (1925) encontrava n' *A longa estrada* "ilgeiros laivos de romantismo, de envolta com atraentes imagens plásticas".

Osório Lopes (1926) secundou a Tristão de Athayde, diante de *A longa estrada* e *O Irriro na torrente*, afirmando, sem deixar lugar a dúvidas, que "a obra de Ranulfo Prata é profundamente regionalista". Mas acrescentou: "Ranulfo Prata pode considerar-se o mais puro dos realistas".

Para Jackson de Figueiredo (1925) "o simbolismo, que está em tudo, não se sobrepõe à realidade". E acrescenta a propósito daquelas obras: "A nota idílica e a nota realista se confundem na mesma harmonia de um são romantismo, ou de um naturalismo de que não se afastou a poesia da vida".

Destarte, não faltaram as tentativas de muitos críticos, na época, por buscarem os autores nacionais que mais se assemelhavam a Ranulfo, a fim de facilitar a tarefa de um julgamento definitivo. "Alguns dos contos de *A longa estrada*, dizia, por exemplo, o crítico do Correio da Manhã, em 1925, "poderiam ser assinados" por Afonso Arinos. Na opinião de Silveira Bueno (1925) este livro era um dos melhores que se havia publicado, com um estilo superior ao de Alberto Rangel e ao de Coelho Neto. Em 1926, Silveira Bueno soltava ao tema, insistindo em que "talvez só Monteiro Lobato" soubesse manter o leitor tão preso à narrativa. Mário Couto (1938) declarou por sua vez, categoricamente, que não hesitava "em dizer que Ranulfo Prata é tão bom romancista quando Amado, Lins, Fontes e Cardoso". Oscar Mendes, também em 1938, foi claro a respeito. "Amado Fontes — diz Oscar Mendes — é o autor que podemos, entre os novos romancistas, colocar ao lado do sr. Ranulfo Prata". Vinte e cinco anos depois, Paulo Dantas (1953) mostrava-se do mesmo parecer. Uma e outra vez, Dantas traz sempre juntos os nomes de Ranulfo Prata e Amado Fontes.

SOFRIMENTO E MISÉRIA

Com esse realismo regionalista que lhe descobriram em seus escritos, Ranulfo foi várias vezes apontado como o romancista da dor nas classes pobres do Brasil. "Ranulfo Prata é um narrador amargo", asseverou Murilo Araújo (1925). "A nota característica do temperamento literário de Ranulfo é a amargura", diz Silveira Bueno (1926). E esclarece: "Mas uma amargura de indivíduo varão, de homem que é triste pelo pensamento, pela reflexão, sem o pleguismo dos temperamentos mulheris que escrevem com lágrimas nos olhos"... "A amargura do escritor sergipano é dessas que amarfanham rostos, sulcam faces, decoram lábios, mas não destilam uma lágrima sequer".

Ele próprio se considerava um revoltado. *O Triunfo*, declarou certa vez, "foi o resultado das minhas primeiras revoltas". "É preciso se deixar de fazer arte pela arte", disse no prefácio a *Dentro da vida*. Osório Lopes (1926) considerava *O lírio na torrente* "uma página viva do sertão bárbaro, do Brasil bárbaro que as burgueses desconhecem".

Mas esta aproximação à dor e miséria dos camponeses e operários, na obra de Ranulfo, não foi considerada positiva pelo radicalismo de esquerda, pois deslocava para a solução cristã e piedosa. *Navios Iluminados*, dizia Tasso da Silveira (1938), "não flui da fonte libertária"; ao contrário, era um livro "visivelmente de inspiração cristã". Na apreciação de Oscar Mendes (1938), o Autor afastava-se "dos clichês da chamada literatura proletária", sem por isso deixar de reclamar "uma reforma social", mas que não deixasse de ter um lugar para a "caridade".

Não podia ser outra a atitude de Ranulfo. Ele estava marcado por sua época pela influência pessoal e continua de Jackson de Figueiredo, a falar-lhe de Cristo todos os dias. "Viva — recomendava-lhe Jackson em 1918 —, isto é, sofra, aprofunde o seu próprio incontentamento, e há de ver que o que mais lhe doe, o que o magoa, é não ser a vida e que pudera ser, se Jesus fôsse um exemplo e não um puro símbolo, como o é para quase todos nós que só vemos da vida a raiz do Calvário e não buscamos a grande luz que ilumina o sacrifício no cume da montanha". Acabou sua vida, como era de esperar-se, absorto na Bíblia. "Nos seus últimos anos — declara Maria da Glória Prata à reportagem de Geraldo de Azevedo (1953) —, Ranulfo Prata se dedicou à leitura de assuntos religiosos. Diariamente lia a Bíblia, num volume que lhe havia sido dado por Jackson de Figueiredo".

Curioso é como um Nélson Werneck Sodré (1938), de formação materialista, tenha dissentido do radicalismo da extrema esquerda, ao considerar que "a larga dose de sentimento" em *Navios Iluminados*, amenizando-lhe "o fundo trágico e revoltado", lhe infundia "mais côr e mais beleza".

Ranulfo Prata foi, assim, um dos primeiros escritores sociais do Brasil, mas que não pôde encontrar uma solução "social" para esses problemas "sociais". Consumia-se numa dor atroz, num sofrimento irremediável que tinha, como saída, somente um pessimismo doentio. Faltou-lhe a clareza das soluções reais, limitando-se a ser amargo, sem conduzir o leitor a metas de esperança no futuro. Talvez a sua formação de médico tivesse influido em grande parte neste processo.

O certo é que a crítica cristã da época, louvava-lhe o seu realismo masoquista e distanciado das soluções materialistas e violentas, enquanto os críticos da vanguarda política de então encontravam-no ultrapassado. Até em *Lampião*, o melhor documentário realista daquele tempo, Ranulfo foi acusado de ser "ingênuo" por Valdemar Cavalcanti (1934).

Por outro lado, como seu "realismo" não só fugia às soluções sociais como ainda ao sexualismo palpitante e escandaloso de Júlio Ribeiro e Aluísio Azevedo, Ranulfo era cada vez mais acatado e festejado pela ideologia conservadora do Brasil, necessitada de ouvir falar em dor e misérias, mas num plano distante, a-sexual e não subversivo.

AS CAUSAS DE SEU ESQUECIMENTO

A esta altura, podemos conjecturar, com melhores elementos, sobre as causas dessa grande injustiça que fazem a Ranulfo Prata, excluindo-o da história de nossas letras. Não será uma delas, por acaso, o seu idealismo tão simbólico e subjetivo, tão excessivamente cristão e bíblico? Não terá sido, também, a sua linguagem pura, esculpida, limpa de palavras e indecências? E a sua morte, quando apenas tinha 47 anos de idade, recém entrado na fase madura de sua produção? Ou a maior de todas essas causas não terá sido o estilo de sua vida de escritor ermitão, inimigo acérrimo das panelinhas e das portas de livrarias? "Ranulfo Prata não cortejava os consagradores oficiais de talentos", dizia Henrique Cancio, procurando explicar, por volta de 1923, a razão pela qual *Dentro da Vida* não tinha causado "um grande sucesso de norte a sul". Muitos insistiram em tal argumento. Leonardo Arroló (1943) lamentava-se de que Ranulfo se recusasse a aparecer em público, após o êxito de *Navios Iluminados*. "Não era um escritor de pose", dizia Arroló. "Vivia arredio, quieto, fora da efervescência intelectual". Corrêa Júnior (1954) também observou que Ranulfo "era o que se pode chamar um espírito fechado, pouco amigo de intimidades, não cultivando jamais a camaradagem boêmia".

AS INFLUÊNCIAS DECISIVAS

Complementando essas conclusões críticas que situam Ranulfo Prata no realismo e no regionalismo, há insistentes alusões às possíveis influências que ele sofreu. Por exemplo, Henrique Cancio, da Bahia, aproximadamente em 1922, achava que *Dentro da Vida* lembra Vargas Vila. Jackson de Figueiredo (1925) denunciou-lhe "uma lastimável influência de Camilo Castelo Branco, não só quanto a expressões literárias mas até quanto a certas facéirices, modismos e surpresas, muito do gosto daquele eterno cultivador da aflição e da agonia". Osório Lopes (1926), não só lhe descobre "a influência de Camilo", mas também a de Eça de Queiroz.

Waldemar Cavalcanti (1934), por sua vez, descobriu Euclides da Cunha em *Lampião*. O "euclidismo" de Ranulfo, diz Cavalcanti, é visível em seu empenho

de escrever "difícil, em períodos grossos, como querendo impor densidade, fazer volume, com enchimento de adjetivos, com artifícios antigos".

Em 1943, Leonardo Arrolo voltava a comentar a "Influência religiosa de Jackson de Figueiredo". Acrescentando: "Esta amizade, que os ligara fortemente até à morte dramática de Jackson, desempenhou importante papel na formação mental de Ranulfo Prata, pois foi ela que trouxe para a sua produção literária o tom de evangélica resignação que se observa nos personagens principais dos seus livros. É assim como uma *revolta serena* a de seus tipos, lembrando vagamente os de Knut Hamsun. Com a diferença, entretanto, de que as criações do autor de *Fome* têm consciência de sua miséria, ao passo que as de Ranulfo Prata sofrem com a fatalidade que lhes dá a própria ignorância".

RANULFO NA LITERATURA SERGIPANA E NA SANTISTA

Há nesta documentação, ainda, algumas referências sobre o que Ranulfo Prata representa no âmbito limitado da própria literatura sergipana, embora me pareça difícil falar de "autor sergipano" quando trata um tema tão profundamente paulista como o da vida dos trabalhadores do calçadão de Santos. Há sempre um certo bizantinismo naquelas classificações de autores por Estados ou por países de nascimento.

Não obstante, Ranulfo necessariamente forma parte da geração de Curvelo de Mendonça com *A regeneração*, de Prado Sampaio, com *Vida sergipana* (1903), de Alberto Deodato, Amando Fontes e outros tantos autores provincianos. Rubens Amaral (1938), por sua vez, é dos que preferem situá-lo no quadro das letras santistas, ao lado de Frei Gaspar da Madre de Deus, Pimenta Bueno, Vicente de Carvalho, Martins Fontes, Afonso Schmidt, Ribeiro Couto.

CENAS HISTÓRICAS DA LITERATURA BRASILEIRA

E não falemos dos inumeráveis episódios na vida pessoal e literária de Ranulfo, contidos nestes artigos, que hoje contribuiriam para a compreensão da vida daqueles contemporâneos que foram seus amigos. Basta lembrar, por exemplo, o do vício alcoólico de Lima Barreto.

"Lima Barreto elogiou o livrinho — conta Ranulfo Prata a Silveira Peixoto em 1940 —, e foi visitar-me no Hospital do Exército, onde eu era interno. A visita desse mulato genial deu-me grande alegria. Sentados num dos bancos do imenso parque do Hospital, o Lima, meio tocado, como sempre, mas perfeitamente lúcido, claro, brilhante mesmo, queria saber com segurança se a Angelina do romance era realmente bonita como eu a pintara. Todos os ficcionistas, dizia-me com ironia, têm a mania de fazer belas raparigas das cidades pequenas. Nos lugares por onde eu andara nunca vira nenhuma... Eram todas feias, grosseiras, desalinhadas... E eu garanti que a minha Angelina era, positivamente, encantadora, capaz de virar cabeças sólidas de gente de grandes cidades".

Doutra feita, Ranulfo convidou Lima Barreto a passar uns dias em Mirassol, como seu hóspede. Narra Paulo Dantas (1953):

"O objetivo de Ranulfo era tentar a cura do alcoolismo do genial criador de Polcarpo Quaresma, pondo-o no regime do copo de leite. E o grande e humilde Lima Barreto foi para Mirassol, onde no início, até começou a engordar, enchendo assim o coração do jovem médico de esperanças. Mas, aconteceu que certo dia, justamente quando foi marcada uma conferência literária de Lima Barreto em Rio Preto, o escritor entrou num boteco e voltou a beber. Ranulfo Prata que o procurava pela cidade, aflito, deu com Lima em estado lamentável. Era a volta ao álcool.

— Prata — foi dizendo Lima Barreto, humilde e em tom de justificação —, que você em sua vida nunca tenha os motivos que me fazem beber assim...

E irremediavelmente perdido, Lima Barreto voltou ao Rio".

AS OPINIÕES DIVIDIDAS

Na falta de um balanço atual e decisivo sobre a obra de Ranulfo, ficam a flutuar os dois extremos de opiniões. As opiniões negativas, por um lado e, por outro, as positivas.

De Valdemar Cavalcanti (1934), por exemplo, é a afirmação de que Ranulfo Prata tinha "má fama" como romancista, afirmação que ele não provou.

Enquanto que um Tristão de Athayde (1925), com sua enorme responsabilidade de crítico profissional, chegou a considerá-lo "entre os nossos bons romancistas contemporâneos", Grieco, nesse mesmo ano, dizia, com o seu modo peculiar, que "este prosista merece ter leitores, e isto porque não pratica o pior dos gêneros, o gênero tedioso". E em 1943, Paulo Dantas afirmava, convictamente, que "*Navios Iluminados* é o melhor romance até hoje escrito sobre as docas de Santos e o melhor romance proletário brasileiro, podendo ficar num âmbito singular com *Os Corumbas*".

As transcrições que faço de cada fonte, mais adiante, completam este quadro de opiniões.

UM LUGAR PARA RANULFO PRATA

Não insistirei em maiores detalhes. Suponho estar entregando aos historiadores da literatura brasileira, os elementos necessários para uma "revisão honesta", no dizer de Geraldo Azevedo (1955). Noutras palavras, o material imprescindível para que se conceda a Ranulfo Prata o lugar que lhe pertence por direito e que lhe tem sido negado, por estranhos caprichos do destino. Ainda não se cumpriu o prenúncio de Silveira Bueno (1926), quando afirmou a propósito de Ranulfo: "Na história da nossa literatura, quando os críticos tratarem dos narradores, dos romancistas, um ótimo lugar há de ser reservado a esta capacidade de escritor, que, no início ainda da sua vida literária, já nos apresenta estas realizações surpreendentes".

Passamos à enumeração das fontes que encontrei em seu álbum de recortes:

I. — Sobre *O Triunfo*. Rio de Janeiro, 1918.

[4] CABRAL, João. "Juízos e Comentários. O Triunfo". Aracaju: *Diário de Aracaju*, 29 de dezembro de 1918.

"O sr. Ranulfo, porém, possui já, por temperamento ou esforço próprio, a noção precisa das proporções e se de raro em raro se lhe transvia a pena, não é isso mais que a exteriorização involuntária do seu espírito moço, incendiado, vivaz".

[*4] FIGUEIREDO, Jackson. "Carta a um jovem romancista". Rio de Janeiro: *A Notícia*, 3 de setembro de 1918.

"E evidentemente impossível negar méritos de inteligência a quem, tão moço ainda, aparece, em tal meio, não com um livrinho de versos, mas tentando um gênero realmente difícil e, por último, quase abandonado entre nós. No Brasil contemporâneo os romancistas de verdade não ultrapassarão talvez a cinco ou seis. Rodolfo Teóphilo e Papi Júnior, no Ceará, a grande figura de Xavier Marques, na Bahia, Afrânio Peixoto, Coelho

Neto e Lima Barreto, aqui no Rio, Veiga Miranda, em S. Paulo, são aqueles de que me lembro agora. De certo deve haver por aí outros nomes, mas estes ou não conseguiram interessar o grande público — como até se pode dizer de Papi Júnior — ou só agora se vão levantando em nosso horizonte intelectual”.

- [2] FONTES, Lourival. “De alto a baixo. Miragens suaves”. Salvador, Bahia: *Diário de Notícias*, 1918.

O Triunpho “é uma visão da paisagem—da natureza brasileira, impetuosa, reverdecente em plena selva, ressuscitando na sua frescura perene”.

- [4] GARRIDO, Carlos. “Ranulpho Prata”. Maceló: *Jornal de Alagoas*, 23 de fevereiro de 1919.
“Ve-se, entanto; sente-se — não val baírrismo em acentuar — que o Norte porfia por não ceder a palma à mentalidade do Sul”...
- [3] K. “Mundanas & Sociais”. Salvador, Bahia: *A Tarde*, 7 de outubro de 1918.
“Depois da *Correspondência de uma estação de cura*, do magnífico João do Rio, não sei de livro mais admirável em língua portuguesa”.
- [*4] LIMA BARRETO. “O Triunpho”. *ABC*, 28 de setembro de 1918.
“É um romance, antes, uma novela em que o autor revela grandes qualidades para o gênero. Já possui a sobriedade de dizer, a naturalidade do diálogo e não limalha a frase estafadamente”. “Com tantas e superiores qualidades, é de esperar que o Sr. Ranulfo Prata venha a ser um grande romancista”... “Tive com a leitura de seu livro o máximo prazer e espero que ele se repita em um segundo livro que, em breve, estou certo, ele nos dará”.
- [3] “Livros Novos. O Triunpho”. Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio*, 24 de setembro de 1918.
“O sr. Ranulfo Prata é um moço verdadeiramente talhado para romancista e do qual esse gênero literário muito deve esperar”.
- [3] MUNIS BARRETO, Péricles. “O Triunpho”. Aracaju: *Diário da Manhã*, 25 de setembro de 1918.
“Muito talento e muita alma possui o autor do *O Triunpho* e, si nada mais escrever, o seu livro é que baste para a sua glorificação e da sua mocidade”.
- [1] “O Triunpho”. Rio de Janeiro: *Gazeta de Notícias*, 22 de setembro de 1918.
“O livro é escrito em estilo sóbrio e fluente e a sua leitura torna-se agradável, por tal ponto, que podemos levá-la a cabo sem enfado”.
- [1] “O Triunpho”. Aracaju: *Correio de Aracaju*, 29 de setembro de 1918.
“A primeira qualidade do romancista é a observação; e o autor do *Triunpho* é realmente um observador curioso; sabe lançar mão de particularidades, à primeira vista insignificantes, mas que constituem, para assim dizer, senão a alma ao menos a graça do romance”.
- [*4] REQUIÃO, Altamirando. “Chronica das Livrarias. O Triunpho”. Salvador, Bahia: *Diário de Notícias*, 22 (de setembro?) de 1918.
“O sr. Ranulfo Prata, pois, escreveu um livro francamente realista, mas de realismo não incontinido, moderado, tangenciando pela impressão exata que todos temos das coisas que nos cercam”...
- [*4] RIBEIRO, João. “Chronica Literaria. O Triunpho”. *Imparcial*, 9 de setembro de 1918.

"O que eu louvo no livro que acaba de publicar são muitas coisas ao mesmo tempo: o valor da própria obra, o viço e frescor de quem escreve e tem apenas vinte anos de idade, se tantos; a mesma espécie em que se classifica, definitivamente, e pela flor, a sua vocação de romancista".

- [1] RUBENS, Carlos. "O Triunfo". Rio de Janeiro: *A Cidade*, novembro de 1918. "O Triunfo é já uma afirmação de talento e para o seu autor uma grande promessa de vitória".

II. — Sobre *Dentro da Vida*, *Narrativa de um médico de aldeia*. Rio de Janeiro: Typ. Anuario do Brasil, 1922, 189 pp. Segunda edição — S. Paulo: Clube do Livro, 1953.

- [1] ATHAYDE, Tristão de. "Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *O Jornal*. "É um livro de intensa sensibilidade, lição de conformidade e de renúncia, como aquela que Fromentin nos quiz dar nas páginas imortais de *Dominique*".

- [3] CANCIO, Henrique. "Dentro da Vida". Salvador: *Diário da Bahia*. "Lembra Vargas Vila. O magistral escritor hispano americano escreveu sobre o motivo da herança horrível da morfêa um livro, que se lê, de cabelos ericados de assombro e torturas de nervos combalidos. Em *Dentro da Vida*, Ranulfo Prata conta a história de uma família de lázaros".

- [3] C. C. "Bibliographia. Dentro da Vida". S. Paulo: *A Garoa*. "Em nossa opinião, *Dentro da Vida* pode ficar ao lado dos melhores romances brasileiros. Poucos se lhe comparam no tocante ao estilo, que é dos mais sóbrios, e nenhum o sobrepuja no que concerne à observação, finura de pensamento e, sobretudo, decência de linguagem, em que prima. Só em Machado ou Pompéia podemos achar sem custo dois tipos tão bem tratados como o dr. Bento e Cândida Maria".

- [1] "Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *Árvore Nova*, N. 2. "Ranulfo Prata é um temperamento definido de novelista, e a notável capacidade de criação que este seu último livro revela poderá desdobrar-se ainda em obras das mais admiráveis que no gênero tenhamos produzido".

- [1] "Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *América Brasileira*. "O livro é feito com grande emoção, traduzindo a angústia de um espírito forte desejoso de penetrar os meandros obscuros do mistério do mal".

- [3] "Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio*, 15 de junho de 1922. "...a verdade é que escrevendo *Dentro da Vida*, realizou o novel escritor, não só uma excelente obra de ficção, propriamente, mas um lindo poema em prosa..." "Com este seu pequenino romance bem pode ser que o sr. Ranulfo Prata inicie uma nova era na história do ficcionismo brasileiro".

- [3] "Dentro da Vida". S. Paulo: *Revista do Brasil*. "Eis aqui uma obra que dá gosto bibliografar. Excelente por todos os motivos, sincera, rica de todas as qualidades que fazem de um livro algo mais que papel impresso com palavras de engenhoso arranjo". "Estilo corrente, sem defeitos, sem arrebiques, todo plasmado nessa simplicidade que é o segredo de todos os verdadeiros escritores. Ranulfo Prata é, em suma, um perfeito artista do romance e há tudo que esperar da sua sensibilidade de eleito e da sua pena pura de amaneirados ou vícios da moda".

- [3] GARRIDO, Carlos. "Dentro da Vida". Maceló: *Jornal de Alagoas*, 1922.
 "Um dos escritores contemporâneos que mais me têm impressionado é o sr. Ranulfo Prata. Impressionado, pela serenidade com que delineia os seus romances, pela justeza com que traça os seus períodos, pelo colorido suave que imprime à sua frase, sempre tersa e bela".
- [4] GOBAT, José. "Dentro da Vida". Natal, Rio Grande do Norte: *A Imprensa*.
 "A crítica impressionista, que é essa que por aí se faz no jornalismo diário, não se deteve diante do livro de Ranulfo Prata, o tempo que ele exigia, reclamada pela vertigem da vida". "Ranulfo Prata é um romancista de vastos recursos, e nesse livro de dramatização violenta firmou o seu pendor para esse gênero literário que não vinha sendo até bem pouco o que reservava maiores sucessos para as nossas letras".
- [4] GOMES, Perillo. "Vida Literária. Dentro da Vida", Rio de Janeiro: *O Jornal*.
 "O sr. Ranulfo Prata quer nos diálogos, quer na correspondência, gênero este de ordinário tão ingrato, soube fugir ao prosaísmo, digamos mesmo: manteve sempre alta a nota da emotividade. As situações deu sempre a fisionomia que lhes convinha, e aos indivíduos imprimiu feição própria, de acordo com as regras fundamentais da caracterização". "Muitas outras coisas há que louvar no romance do sr. Ranulfo Prata, não só do ponto de vista exclusivo da arte como das suas consequências morais. Baste-nos porém acrescentar que é um bom livro, sincero, sentido, e se é triste, é porém de uma tristeza que consola, que tonifica; de uma tristeza purificadora que nos faz sentir a ação da beleza e da bondade sobre a terra".
- [1] K. "Trechos". Salvador: *Diário da Bahia*.
 "Não sei de muitos romances no Brasil, tão belos de verdade, de observação, de tão perfeita síntese da miséria e dor humanas".
- [1] "Livros novos. Dentro da Vida". S. Paulo: *Folha da Noite*, novembro de 1923.
 "Muito se falou desse livro no Rio de Janeiro e em Portugal. Em S. Paulo, porém, quase nada. Uma ou duas pequenas crônicas somente. Entretanto, poucos romances merecem ser tão conhecidos".
- [4] LUZ, Fábio. "Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *Rio Jornal*, 5 de julho de 1922.
 "Com uma simplicidade de linguagem, que não exclui arte e emoção, sabe o autor fazer vibrar nossa sensibilidade, sem rebuscamentos artificiosos, sem excessos episódicos, nem de adjetivação, fazendo descrições lineares". "Com esta narrativa de um médico de aldeia, firma-se-nos a crença de que mais um grande romancista conta a literatura brasileira".
- [3] NANTES, Lauro de. "Dentro da Vida". Rio Preto, S. Paulo: *Diário de Rio Preto*, março de 1923.
 "...com um pouquinho mais de trabalho teria produzido uma obra completa, um romance dos melhores que têm aparecido ultimamente".
- [4] NOGUEIRA, Hamilton. "Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *A Ordem*.
 "Enfim, é um livro de real valor, tal a elevação das suas idéias".
- [4] PRATES, Homero. "Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *O Paiz*, 13 de julho de 1922.
 "Pertence a essa espécie de livros que conquistam desde logo a nossa admiração, penetrando-nos de uma estranha simpatia, de um indefinido sentimento de fraternidade: para com os que sofrem, de tal modo, às primeiras

páginas, nos põe em contacto com as cenas da realidade de todos os dias, de pequenas misérias e injustiças".

- [*4] RIBEIRO, João. "Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *Imparcial*, 16 de maio de 1922.

"Todas as páginas do livro até esse momento são fortes e encantadoras e talvez as melhores do romance que é de grande correção de forma e de formosa simplicidade de entrecho". "A primeira parte do livro é a melhor, sob todos os aspectos; e não só a melhor, é excelente como ideação e expressão próprias de verdadeiro romancista".

- [4] SANTOS, Maria Felício dos. "Novos Livros". Rio de Janeiro: *A União*, 1922. "Enfim, o livro escrito em estilo singelo e linguagem lídima, interessa, comove e impressiona bem o leitor".

- [1] "Um romancista da nova geração. Dentro da Vida". Rio de Janeiro: *ABC*. "Também a sua personalidade se impõe desde logo, inconfundível, na história do nosso ficcionismo, podendo-se esperar que, se conseguir trabalhar obra de maior vulto, venha a ser um dos mais altos representantes do romance no Brasil".

- III. — Sobre *A longa estrada*. Contos. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1925, 240 págs.

- [4] "A longa estrada". *O Globo*, 7 de agosto de 1925.

"Narrativas, simples narrativas de fatos, de simples fatos da vida corrente, das gentes simples".

- [4] "A longa estrada". Ribeirão Preto, S. Paulo: *A Cidade*, 28 de agosto de 1925. "Não sabemos de livro de contos, nestes últimos anos, no Brasil, que tenha alcançado tão elevado nível de intelectualidade".

- [1] "A longa estrada". Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 2 de setembro de 1925. "O seu gênero aproxima-se muito daquele que fez a fortuna literária de Afonso Arinos e alguns dos contos de *A longa estrada* poderiam ser assinados pelo saudoso escritor mineiro-paulista".

- [3] ARAUJO, Murillo. "Um artista amargo". Rio de Janeiro: *Rio Jornal*, setembro de 1925.

"Ranulfo Prata é um narrador amargo". "Muitos dos contos são modelos do gênero: a ação desenrolada rápida, o final breve, a estrutura da fábula perfeitamente arrematada".

- [*4] ATHAYDE, Tristão. "Vida Literária. A Longa Estrada; O Lirio na Torrente". Rio de Janeiro: *O Jornal*, 27 de dezembro de 1925.

"Os contos, portanto, e, principalmente, o romance do sr. Ranulfo Prata, colocam-no já agora, com as restrições feitas, entre os nossos bons romancistas contemporâneos".

- [4] FLORESTAN, J. "Livros Novos. A longa estrada". *Vanguarda*, 14 de agosto de 1925.

"O sr. Ranulfo Prata faz, pois, contos de costumes, como fez, por exemplo, Gonzaga Duque, e como querem todos os parentes intelectuais de Franklin Távora". A viagem dos emigrantes sergipanos para S. Paulo, através o sertão baiano e Minas, constitui um quadro de vida brasileira dos mais lúgubres e sinistros".

- [*4] GRIECO, Agrippino. "A longa estrada". Rio de Janeiro: *Gazeta de Notícias*, 24 de setembro de 1925.

"Este prosista merece ter leitores, e isto porque não pratica o pior dos gêneros, o gênero tedioso. Sua prosa é limpa, fácil, escorrelta, sem expressões anfractuosas e sem metáforas rebarbativas. A quando e quando, um pouco de sal e pimenta. E também, não raro, provas de uma fina sensibilidade, ligeiros laivos de romantismo, de envolta com atraentes imagens plásticas. Há nesse amador de almas sertanejas, um observador otimista, um temperamento sadio e até jovial, mas há também um poeta comprimido, algumas vezes, pelo ironista". "...o sr. Prata dá-nos aqui o melhor talvez dos seus volumes, seja porque se percebe nele a coluna vertebral de uma idéia diretora, seja porque nele o trato da prosa já revela certos efeitos verbais de estilista desempenado".

- E
[1] "Literatura do sertão". *ABC*, 1 de agosto de 1925.

"Com a honestidade dos seus propósitos, o jovem escritor apresenta à simpatia da crítica e do público outros títulos legítimos, uma linguagem simples e pura, facilidade de fabulação e de narrativa e um vivo sentimento das realidades do ambiente das suas ficções".

- [1] "Livros novos". *A Tarde*, 1 de novembro de 1925.

"Bastaria isso para que o livro do escritor nordestino se impusesse ante a produção destes últimos anos no romance brasileiro".

- [4] LOPES, Augusto. "Livros sérios. Dentro da vida. A longa estrada". Santos, S. Paulo; *A Tribuna*.

"*Dentro da vida* é incontestavelmente um livro sério, um livro de artista e de pensador".

- [4] LOPES, Oscar. "Crônica de livros. A longa estrada". *Imparcial*, 31 de julho de 1925.

"*A longa estrada* é livro destinado a êxito brilhante e bem representa a obra de um escritor feito".

- [4] LOPES, Osório. "Momento Literário. A longa estrada. O lirio na torrente". Rio de Janeiro: *A União*, 7 de janeiro de 1926.

"A prosa de ficção tem na personalidade de Ranulfo Prata um dos mais finos cultores". A obra de Ranulfo Prata é profundamente regionalista". "Os contos que formam *A longa estrada* são sugestivos, impressionantes, trágicos".

- [4] NEMO. "A longa estrada". S. Paulo: *Cidade do Prata*, 23 de agosto de 1925.

"Trata-se, pois, de quem já vem com um nome recomendado por tão seguras credenciais e hoje se apresenta com direitos firmados na literatura nacional. E com razão assim é, revelando-se o escritor na posse de qualidades artísticas, que desde muito rareiam no Brasil".

- [1] "O livro do dia. A longa estrada". Recife: *Diário do Estado*.

"Ranulfo Prata é um admirável creador de tipos, sabendo vivê-los e movimentá-los dentro da mais perfeita lógica".

- [*4] SILVEIRA BUENO. "Livros Novos. A longa estrada". *Folha da Noite*, 8 de agosto de 1925.

"O seu livro *A longa estrada* é um dos melhores que se tem publicado. Foge ao brilho excessivo de Alberto Rangel, ao seu brilhantismo nem sempre

acertado, ao seu precosismo vocabular, por muitas vèzes audacioso e criticável. Nem é como Coelho Neto, miraboloso, afadigante, com aquêle pedantismo literário de todas as suas fantasias. Ranulfo Prata conta, narra, vigorosamente, mas sereno dando a impressão de uma enchente que vem vindo, que vem vindo, que se vem aproximando, larga, massica, apoderando-se de tudo, irresistível, até o domínio completo, no desfecho final".

- [*4] SILVEIRA BUENO. "Figuras íntimas. Ranulfo Prata". S. Paulo: *Jornal do Comércio*, 10 de novembro de 1926.

"Como narrador bem poucos poderão comparar-se ao seu vulto: no livro *A longa estrada* há um conto, "O furto", que ficará entre aquelas páginas capazes de, por elas, aquilatar-se o vigor descritivo de uma literatura". "Talvez só Monteiro Lobato saiba manter o leitor tão surpreendido até o fim, arrastando-o na torrente prodigiosa da narrativa".

- [4] "Uma evocação oportuna. A propósito do último livro de um laureado da *A Tarde*". Salvador, Bahia: *A Tarde*, 15 de agosto de 1925.

"Todo êle é um empolgante livro regionalista, como um filme de impressões a deslizar diante dos olhos do leitor a paisagem sertaneja, com os seus tipos clássicos, os seus lances de heroísmo obscuro cortando a monotonia dos dias tropicais a escorrerem luz e sol pelas malhadas e pelos campos interminos. A narração flui em linguagem simples"...

- [1] "Uma carta do conhecido homem de letras sergipano, Dr. Prado Sampalo ao Dr. Ranulfo Prata, também nosso patricio e ilustre romancista". Aracaju: *Correio de Aracaju*, 4 de novembro de 1926.

"É d'aqui os meus aplausos à bela formação da sua inteligência"...

- [1] "Um livro apreciável". Aracaju: *Gazeta do Povo*, 4 de agosto de 1925.

"Ninguém melhor do que Ranulfo Prata sabe descrever os costumes rústicos do nosso sertanejo, nem traçar com tintas mais apropriadas os quadros da natureza selvagem do Brasil nordestino".

- [1] "Várias. A longa estrada". Aracaju: *Época*, 1925.

"Ranulfo Prata tem esplêndidas qualidades de escritor: maneja admiravelmente a língua..."

- IV. — Sobre *O Lirio na torrente*. Rio de Janeiro: Ed. do Annuario do Brasil, 1925. (Prêmio de Romance da Academia Brasileira de Letras, 1926. Júri: Gustavo Barroso, Aloysio de Castro e Medeiros e Albuquerque).

- [1] L. V. "O lyrio na torrente". Recife: *Diário do Estado*, fevereiro de 1926.

"No *Lirio na torrente* ainda uma vez reafirma o Autor com a mesma eloquência dos trabalhos anteriores, as suas excelentes qualidades de observador".

- [3] "Os romances brasileiros. O lyrio na torrente". Rio de Janeiro: *ABC*, 10 de outubro de 1925.

"O sr. Ranulfo Prata é um romancista dotado de predicados pouco vulgares entre os nossos escritores de ficção. Seus livros — romances, novelas, contos —, atestam um equilibrio interior, uma serenidade e uma harmonia sem descontinuidades, nem contrastes. A imaginação nunca se lhe desgarrar para o fantástico e o inverossimil. Seu estilo é um dos mais fáceis, límpidos, correntios da nossa novelística, uma linguagem natural e rítmica, cuja maior sedução reside na simplicidade vocabular".

- [4] SILVEIRA BUENO. "Livros Novos. O lyrlo na torrente". S. Paulo: *Folha da Noite*, 11 de outubro de 1925.
- "A força narradora de Ranulfo Prata surge do conjunto todo, do poderoso arquetamento da obra inteira, onde nada é despiciendo, onde tudo é necessário para o desfecho profundo, inesquecível, humano, dos romances que escreve".
- [4] SILVEIRA, Homero. "Ranulpho Prata, narrador Idealista". S. Paulo: *Mogy-Mirim*, 27 de outubro de 1926.
- "Se não se devem ler autores modernos, por inhábels ou vazios, deve-se conviver bastante com Ranulfo Prata, pelo contrário".
- [3] PITTA, Sérgio. "Bibliografia. O lyrlo na torrente".
- "O sr. Ranulfo Prata não é um desconhecido nas rodas intelectuais brasileiras".
- V. — Sôbre *Lampeão*. Rio de Janeiro: *Ariel Ed. Ltda.* 1934.
- [3] "Bibliografia. Lampeão". *Jornal do Brasil*, 20 de janeiro de 1934.
- "*Lampeão* é, por isso, livro honestíssimo, e como tal deve ser encarado por todo o leitor ansioso de conhecer a "verdade" sôbre os acontecimentos que vêm ensanguentando o Nordeste".
- [3] "Bibliografia. Lampeão". *A Tribuna*, 8 de fevereiro de 1934.
- "Este livro não é uma obra literária, destinada ao simples deleite intelectual. O seu alcance tem mais utilidade social".
- [3] CORREA JUNIOR. "Lampeão". *A Gazeta*, 4 de dezembro de 1954.
- "...uma das obras já consideradas clássicas para os curiosos do assunto".
- [3] "Estante Literária. O cangaço na literatura brasileira". *A Gazeta*, 27 de novembro de 1954.
- "...já pode ser considerado como um trabalho clássico no assunto".
- [3] "Lampeão". *A Noite*, 16 de fevereiro de 1934.
- "Gustavo Barroso e Leonardo Motta estão entre os que trataram o caso de modo a interessar — aquêl em *Almas de alma e aço* e êste em *Lampeão*, apenas, nos capítulos iniciais. O livro que vem de ser publicado, da autoria de Ranulfo Prata, inscreve-se entre os melhores".
- [*4] CAVALCANTI, Valdemar. "Uma biografia de Lampeão". Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, 11 de março de 1934.
- "O *Lampeão* do sr. Ranulfo Prata tem muito do livro que há tanto tempo se espera sôbre um assunto tão vasto e tão sedutoramente plástico".
- [3] CARVALHO, Tito. "Lampeão". Florianópolis: *O Estado*, 19 de fevereiro de 1934.
- "Livro de dor, sem preocupação literária, conseguiu entretanto, o Autor, na sua espontaneidade, torná-lo apreciado, afirmando-se um escritor de quem é lícito muito esperar".
- [3] FERREIRA, Marcos. "Lampeão". Anápolis, Sergipe, 1934.
- "O sr. Ranulfo Prata deu à literatura um grande livro e ao seu nome mais um padrão de raro brilho".

- [3] GT. V. "Publicações. Clamor e apelo aos responsáveis pelos destinos do país". 10 de fevereiro de 1934.
"Depois da leitura desse interessantíssimo livro, fica-se seguro que Lampeão não é uma lenda".
- [1] H. P. "Lampeão". Belo Horizonte: *Surto*, 1934.
"O livro de Ranulfo Prata, em última análise, é o mais tremendo libelo que já se escreveu contra um governo".
- [1] "Lampeão". *Correio de S. Paulo*, 27 de janeiro de 1934.
"Tratando-se de uma coletânea séria de documentos e de dados autênticos a respeito do problema do cangaço, *Lampeão* deve ser considerado como o mais perfeito documentário jamais publicado no Brasil sobre o banditismo do Nordeste".
- [4] "Lampeão. O livro do Sr. Ranulfo Prata e uma carta ao Globo". Rio de Janeiro: *O Globo*, 26 de fevereiro de 1934.
Correções de alguns fatos narrados pelo autor de Lampeão.
- [4] "Lampeão". Recife: *Diário da Manhã*, 18 de março de 1934.
"Um eco para ser ouvido pela consciência pública brasileira, a fim de que esta, numa justa revolta, exija do governo a eliminação de um bandoleiro tão perverso".
- [4] "Lampeão". Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio*, 20 de maio de 1934.
"...livro empolgante, pelas suas narrações, e em cujas páginas se encontram, num estilo espontâneo e colorido, vigoroso e quente, preciso e documentado, as mais dolorosas cenas".
- [3] "Lampeão". Rio de Janeiro: *O Mundo Ilustrado*, 8 de dezembro de 1954.
"*Lampião* é uma reportagem que esgota o assunto".
- [3] "Livros novos. Lampeão". *O Jornal*, 19 de janeiro de 1934.
"Tem caracteres da mais absoluta honestidade, o volume *Lampeão* que o sr. Ranulfo Prata acaba de lançar à publicidade por intermédio de Ariel Editora Ltda., do Rio".
- [1] "Livros Novos. Lampeão". *A Nação*, 24 de janeiro de 1934.
"O volume *Lampeão* que acaba de surgir e que está despertando um vivo sucesso, é, em verdade, uma completa reportagem literária sobre o famoso bandido nordestino".
- [3] "Livros Novos. Lampeão". *A Noite*, 25 de janeiro de 1934.
"É trabalho que merece a maior atenção por parte daqueles homens do sul que ignoram a extensão do problema importantíssimo do banditismo no Nordeste".
- [4] "Livros Novos. Um livro sobre Lampeão". Belém: *A Semana*, 3 de outubro de 1934.
"Por isso, *Lampeão* é, antes de tudo, um livro honestíssimo".
"...belo documento da história do banditismo nordestino".
- [4] MENEZES, Olímpio de. "Lampeão". Recife: *Momento*, março de 1934.
"O livro do sr. Ranulfo Prata merece ser lido e meditado".
- [3] MIRANDA, Gracita de. "Um mito do sertão. Lampião". *Diário de S. Paulo*, 23-24 de dezembro de 1955.
"É um belo documentário o livro de Ranulfo Prata. Entretanto, não responde a todas as perguntas que o nosso espírito formula. Relata os fatos,

estribado em depoimentos e provas. Não analisa o ambiente sociológico e as causas profundas que geraram *Lampião*".

- [4] MIRANDA, Nicanor. "Um tema doloroso". *Folha da Manhã*, 2 de fevereiro de 1934.

"Sob dois aspectos merece ser encarado esse livro flagrante que Ranulfo Prata acaba de escrever sobre o dominador do sertão: o literário e o social".

- [4] OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO. "Lampeão". Curitiba: *O Dia*, 31 de janeiro de 1934.

"Mals um progresso sensível dominou a nossa literatura regional com o aparecimento de *Lampeão*, de Ranulfo Prata".

- [2] PALMEIRA, Sinval. "O livro de Ranulfo Prata". Aracaju, 1934.

"O livro de Ranulfo é um grito que vem do campo para a cidade".

- [41] PATI, Francisco. "Lampeão e suas leituras". *Folha da Noite*, 14 de março de 1937.

- [*4] PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. "Lampião". S. Paulo: *O Estado de S. Paulo*, 19 de outubro de 1937.

"Ranulfo Prata apresentou seu livro como um Documentário. É esse realmente o seu valor, tanto para um historiador dos costumes do Nordeste quanto para um sociólogo".

- [4] PIRES, Herculano. "Sabatina Literária. Lampião". *Diário de S. Paulo*, 27 de fevereiro de 1934.

"Mas a sua natureza documental, o seu valor de testemunho, fazem dele uma contribuição básica para o desenvolvimento dos futuros estudos sobre o fenômeno". "Seria bom que outros volumes aparecessem, nesse mesmo sentido documental, como preparação do período de estudos sociológicos que há de surgir, sobre o fenômeno do cangaço".

- [3] RIBEIRO, João. "Lampeão". Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 24 de janeiro de 1934.

"...escorço biográfico, documentado e sereno".

- [*4] SCHMIDT, Afonso. "Um livro que volta". *Correio Paulistano*, 12 de novembro de 1934.

Sobre a segunda edição de *Lampião*, pela Editora Piratininga, com prefácio de Paulo Dantas, desenhos de Aldemir Martins e capa de Edgard Koetz. "Que eu saiba, o livro do escritor sergipano é o primeiro e o melhor documentário sobre aquele cangaço".... "Disso resultou uma obra que, com certeza, não desaparecerá da literatura brasileira. Daqui a muito tempo, quando os sábios, os historiadores e os artistas se voltarem para essa aventura medieval do primeiro quartel de nosso século, irão inspirar-se no documento honesto de Ranulfo Prata". "Quando Ranulfo Prata escreveu o precioso documentário, os olhos dos estudiosos ainda não tinham pousado sobre Virgílio Ferreira. Ele ainda não era histórico, contentava-se em ser fenômeno. Foi depois deste livro escrito em 1933 que os etnólogos e sociólogos tomaram Lampião como objeto de estudo".

- [3] "Um documentário sobre Lampeão. Apareceu o novo livro de Ranulfo Prata". Salvador, Bahia: *O Estado da Bahia*, 31 de fevereiro de 1934.

"*Lampeão*, de Ranulfo Prata, é qualquer coisa de novo, e de muito novo, na vasta literatura que se tem derramado no Brasil sobre a figura trágica do afamado bandleiro nordestino".

- [1] "Um livro sobre Lampeão". *Diário da Noite*, 27 de janeiro de 1934.
"Lampeão, de Ranulfo Prata, é, assim, antes de tudo, um exemplo nítido de trabalho de literatura social".
- [3] "Um livro sobre Lampeão". *A Platéia*, 9 de março de 1934.
"Assim, ninguém como ele poderia escrever tão bem e com tanta autoridade sobre a chaga do banditismo".
- [*4] XAVIER, Livio. "Bibliografia. Lampeão".
"O autor é mais uma das vítimas inumeráveis de Euclides da Cunha"...
"Sob essa reserva, o livro do sr. Ranulfo Prata vale por uma boa reportagem".
- VI. — Sobre *Navios Iluminados*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, Editora, 1937. A 3.^a ed. é das Edições "O Cruzeiro". Traduzido para o espanhol por Benjamin de Garay, tradutor de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
- [4] AMARAL, Rubens. "Navios Iluminados". *Folha da Manhã*, 23 de março de 1938.
"Historia sentida, como se o autor fôsse um dos seus protagonistas"...
- [*4] ARROIO, Leonardo. "Livros e Autores. Breves notas sobre Ranulfo Prata". S. Paulo: *A Noite*, 1 de fevereiro de 1943.
"*Navios Iluminados* é um livro puramente social, abordando um problema inédito na literatura até então — a vida do cais de Santos, apenas lembrado vagamente por Rlbeiro Couto em versos modernos".
- [4] ARROIO, Leonardo. "Navios Iluminados". *Folha da Manhã*, 1960.
Sobre a terceira edição de *Navios Iluminados*. "É um livro que permanece embora se possa reconhecer, com melancolia, que não se tem feito muita justiça ao romancista Ranulfo Prata".
- [4] B. B. "Um romancista. A margem da obra de Ranulfo Prata". *A Gazeta*. 23 de setembro de 1938.
"Será esse, certamente, o melhor romance do sr. Ranulfo Prata, cujo estilo escoreito, se não possui muita arte, também não incide nos efeitos de brilho fácil".
- [4] COUTO, Mário. "Livros Novos. *Navios Iluminados*". Belém do Pará, 1938.
"Não hesito em dizer que Ranulfo Prata é tão bom romancista quanto Amado, Lins, Fontes e Cardoso".
- [*4] DANTAS, Paulo. "Ranulfo Prata". *O Tempo*, 15 de abril de 1953.
"Ranulfo Prata morreu quando estava em plena posse de suas forças criadoras de romancista, logo depois de ter lançado *Navios Iluminados*"... "O livro é um modelo de serenidade e virtude descritiva, podendo figurar ao lado de *Os Corumbas* de Amado Fontes, como as duas maiores contribuições do romance sergipano à moderna literatura brasileira".
- [3] LEMOS BRITO. "Navios Iluminados". Rio de Janeiro: *Vanguarda*, 7 de março de 1938.
"Em *Navios Iluminados* a personalidade artística do autor se mostra avigorada no trato de um tema complexo e emocionante".
- [3] LOPES, Alvaro. "Navios Iluminados". *A Tribuna*, 4 de janeiro de 1934.
"*Navios Iluminados* é bem o romance da pobreza de Santos, que ainda faltava escrever-se. Ranulfo Prata, pelo conteúdo humano que neste livro condensou, afirma-se, mais uma vez, como um dos mais brilhantes romancistas da geração contemporânea".

- [3] MAURO, Léo. "Dois artistas. Ranulfo Prata. Herman Lima". Santos: *Flamma*, junho de 1939.
"Navios Iluminados, um belo romance, tão belo como o seu título".
- [4] MENDES, Oscar. "Navios Iluminados". Belo Horizonte: *O Diário*, 6 de março de 1938.
"Amando Fontes é o autor que podemos, entre os novos romancistas, colocar ao lado do sr. Ranulfo Prata, cuja obra literária, feita sem pressa nem trombeteamentos, já mereceu aplausos e elogios, de críticos como João Ribello, Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde e Agripino Grieco".
- [1] "Navios Iluminados". Florianópolis: *Diário da Tarde*, 1938.
"As qualidades de ficcionista do sr. Ranulfo Prata vêm sendo exaltadas pelos nomes mais ilustres da nossa crítica literária".
- [11] "Navios Iluminados". Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 26 de janeiro de 1938.
"Navios Iluminados, por isso mesmo, é um livro de alta significação no momento literário".
- [1] "Navios Iluminados". Natal: *A República*, 18 de fevereiro de 1938.
"Eis um romance harmônico e com grande unidade".
- [1] "Navios Iluminados". *Diário da Noite*, 24 de março de 1938.
"Coloca-se na primeira linha desses novos autores realistas, que levaram o romance para o setor da documentação, longe do esforço inventivo".
- [3] O. B. S. "Livros novos. Navios Iluminados". *A tarde*, 11 de fevereiro de 1938.
"O livro de Ranulfo Prata é, antes de tudo, um livro humano".
- [2] PIRES WYNNE. "Navios Iluminados". Ribeirão Preto, S. Paulo: *A Cidade*, 1938.
"É que os *Navios Iluminados* nada mais são que páginas de uma história ainda não escrita. A história da vida bandeirante nos dias contemporâneos, e a amálgama de uma raça que se forma impelida por um fenômeno do Nordeste vindo ao encontro da eclosão das riquezas do Sul".
- [9] SILVA, Jair. "Navios Iluminados". *Folha de Minas*, 25 de março de 1938.
"Navios Iluminados é um grande livro de Ranulfo Prata, feito com as coisas do mar, os cenários humildes e as emoções da plebe".
- [*4] SILVEIRA, Tasso da. "Letras nossas. Romance e Conto". 10 de março de 1938.
"Justamente a simplicidade extrema do assunto é que põe de relevo a virtuosidade que adquiriu o romancista de *O Triunfo*, cuja "técnica de vida" se apresenta agora como das mais apuradas na jovem geração de romancistas patricios".
- [3] VILAVERDE, Antonio de. "Navios Iluminados". Santos, S. Paulo: *O Diário*, janeiro de 1938.
"Afinal, um livro sincero e bem escrito, o que é notável nos dias de hoje, em que a mentalidade se encarreia para uma arte feita de palavões"...
- [*4] WERNECK SODRÉ, Nelson. "Livros Novos. Navios Iluminados". *Correio Paulistano*, 20 de fevereiro de 1938.
"Os dotes de romancista já revelados pelo autor em outros livros, neste, mais fortes e mais nítidos. O sr. Ranulfo Prata como que se encontra na plenitude da sua força de escritor. O fundo trágico e revoltado da sua obra é amenizado por uma larga dose de sentimento que a alma e lhe infunde mais cor e mais beleza".

VII. — TRAÇOS GERAIS SOBRE O AUTOR

- [*] "A Associação dos Médicos de Santos prestará amanhã comovida homenagem à memória do inesquecível médico e escritor Ranulfo Prata". Santos: *O Diário*, 6 de janeiro de 1943.
Discursos: "Obra Literária de Ranulfo Prata", por Fidelino FIGUEIREDO; "Médico e Amigo", por Edgard BOAVENTURA. Impressões do dr. Hugo dos SANTOS SILVA. Trecho da entrevista de SILVEIRA PEIXOTO em janeiro de 1940.
- [*] "A Associação dos Médicos de Santos tributou ontem expressiva homenagem póstuma à memória do inesquecível médico e escritor Ranulfo Prata". Santos: *O Diário*, 8 de janeiro de 1943.
Orações dos Drs. Fidelino FIGUEIREDO, Edgard BOAVENTURA e Dirceu VIEIRA DOS SANTOS.
- [*] "A Santa Casa da Misericórdia de Santos reverenciou o memória dos drs. Tomás Catunda e Ranulfo Prata". Santos: *O Diário*, 8 de novembro de 1943.
Oração do dr. Guilherme GONÇALVES sobre Ranulfo Prata.
- [*] AZEVEDO, Geraldo. "Testemunho de Ranulfo Prata: Encontrei o verdadeiro caminho da vida. Como trabalhava e vivia o autor de *Lampião*". S. Paulo: *Folha da Manhã*, 12 de junho de 1955.
"Não será inverdade afirmar que Ranulfo Prata é um dos grandes injusticados da literatura nacional".
- [*] FABIO. "Notas. Ranulfo Prata". *A Gazeta*, 30 de dezembro de 1942.
"Da malícia e do cobotinismo trouxe sempre afastado o seu espírito"...
- [*] FIGUEIREDO, Jackson. "Ranulfo Prata". *Gazeta de Notícias*, 14 de outubro de 1925.
"Ranulfo Prata, ainda mais em *Dentro da Vida*, do que nestes últimos livros seus, já se apresentou completamente definido como personalidade artística, como escritor. Tem o dom raro da sobriedade aliado à agudez de expressão, às vezes tão penetrante que chega a ser dolorosa e inquietadora, porque reveladora de um nuança de pensamento irremediavelmente pessimista".
- "Ranulfo Prata íntimo". *O Oráculo*, 10 de outubro de 1926. "Camillo muito influenciou o seu espírito"...
- [*] "Síntese biográfica. Ranulfo Prata". S. Paulo: *O Tempo*, 8 de março de 1953.
Indica outros trabalhos de Ranulfo Prata como: "Martins Fontes, médico"; "O Teatro no Brasil"; "O valor da radiografia no esqueleto e no diagnóstico da sífilis congênita".
- [*] VILAVERDE, Antônio de. "Ranulfo Prata". *Diário*, 1 de janeiro de 1943.
Ranulfo Prato era "um Martins Fontes sereno e tímido".
- [*] "Vivi em Sergipe ao tempo de Lampião. A viúva de Ranulfo Prata nos dá uma entrevista". S. Paulo: *A Gazeta*, 11 de dezembro de 1954.

VIII. — TRABALHOS MENORES

- "O Tropelro". Prêmio d'A Tarde". Salvador, Bahia: *A Tarde*, 20 de maio de 1916.
Suplemento sobre "O Concurso Literário d'A Tarde", no qual se publica o conto "O Tropelro", de Ranulfo, 1.º Prêmio. Membros do Júri: Theodoro Sampaio, Aloysio de Carvalho e Lemos Brito.

- K. "Trechos". Salvador, Bahia: *A Tarde*, 22 de novembro de 1915. (Notas sobre "O Tropelro").
- [*] GARRIDO, Carlos. "Registo. Do Riso". Maceló: *Jornal de Alagoas*, 13 de maio de 1921.
Crítica sobre *Do Riso*, 60 págs. Tese com que Ranulfo se diplomou em Medicina, no Rio de Janeiro. Esta analisa os aspectos psicológicos e patológicos do riso. "E é um encanto ter-lhe o brilhante estudo, magnífico de conceitos, de argumentações eruditas, de inteligência".
- [*] PRADO SAMPAIO. "Duas teses de literatura". Aracaju: *A Gazeta de Sergipe*, 5 de fevereiro de 1928.
Crítica das teses com as quais Ranulfo concorreu à cadeira de literatura do Ateneu Pedro II, em Sergipe, intituladas: 'A renascença das letras em França' e "Repercutiu na nossa literatura o movimento romântico de 1830?". Parecer de Prado Sampaio: "Fê-lo Ranulfo Prata com bastante talento de síntese e elevação crítica".